

# Ministro(a) da Saúde - Precisa-se

**As eleições legislativas determinaram uma maioria absoluta do Partido Socialista. Aguarda-se com muita expectativa que governo será empossado e, particularmente, qual o(a) Ministro(a) da Saúde escolhido(a).**

Mas seja qual for, aguarda-o(a) uma tarefa imensa, desde que seja seu propósito reformar o sistema de saúde e reforçar o Serviço Nacional de Saúde (SNS). E Portugal, os portugueses em geral e os profissionais de saúde em particular, necessitam de ver relançado um SNS forte, actual, que responda às necessidades dos cidadãos e aos anseios dos seus profissionais, com relações claras com os sectores privado e social, numa óptica de complementaridade, e tendo em atenção o evoluir da população portuguesa, nomeadamente o seu envelhecimento e o incremento substancial da carga de doença, especialmente com o aumento das demências e das doenças oncológicas.

Por isso, à próxima tutela espera-lhe uma tarefa ciclópica. Vencer a inércia que pautou os últimos anos de governação, idealizar e iniciar a reforma do SNS que é urgente realizar, conseguir angariar o orçamento necessário para equilibrar as contas da Saúde e para dignificar os salários e as carreiras dos profissionais de saúde não vai ser empreendimento fácil. Precisamos de um(a) Ministro(a) forte, que tenha a visão de um sistema de saúde virtuoso, em que as unidades de saúde do SNS se complementam e interagem de forma a que o doente esteja no centro do sistema, e que busquem no sector privado ou social aquilo que não conseguem concretizar em tempo útil ou que não seja uma prioridade. É fundamental que saiba valorizar as unidades de saúde do interior do país, as unidades mais pequenas, para que se encontre um equilíbrio entre a necessidade de volume para actos médicos de maior complexidade, mas que, simultaneamente, se garanta cuidados de saúde de proximidade de qualidade.

Alguém que tenha uma noção de como a digitalização na saúde e a designada telesaúde devem evoluir, que considere a investigação científica e a ligação das unidades de saúde às Universidades como factor estratégico para o desenvolvimento do SNS, vindo a possibil-



António Araújo, Presidente do Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos



tar a autonomia dos Centros Académico Clínicos e o aparecimento de consórcios entre várias unidades de saúde e as universidades. Mas, acima de tudo, alguém que saiba valorizar os profissionais de saúde, que entenda o que é lidar e cuidar diariamente do bem-estar físico, psíquico e social dos cidadãos, o que são os cuidados paliativos e de fim de vida, e o valor que assumem na sociedade os cuidadores informais.

Precisamos de ter um(a) governante que dialogue com todas as estruturas representativas do sector, que ouça os seus anseios e reivindicações, que tente compreender quais as soluções possíveis e que construa pontes, para que os profissionais entendam o caminho que se pretende percorrer, para que os cidadãos percebam o seu papel e o seu lugar. Alguém que alcance os motivos da falta de profissionais no SNS, que crie as condições de atractividade e de manutenção destes, que os valorize, sendo importante que consiga envolver ambos na mudança necessária, para que os profissionais de saúde possam cumprir as suas expectativas pessoais e profissionais, e para que os cidadãos se revejam no SNS e sintam que este corresponde às suas necessidades. É forçoso evitar a desertificação destes no SNS e, especialmente, nas unidades do interior do nosso país e na área da Grande Lisboa.

Mas o SNS precisa, também, de um governo que entenda a necessidade de se incluir em todas as políticas a visão da saúde, de forma a aumentar a literacia dos cidadãos, a fomentar a escolha consciente por hábitos e estilos de vida saudáveis, que possa vir a diminuir a carga de doença dos nossos cidadãos e que incremente a qualidade de vida destes, tendo uma atenção muito particular ao desenvolvimento de uma estratégia para fomentar o envelhecimento activo da nossa população.

Realmente, espera-se muito do(a) próximo(a) Ministro(a) da Saúde. As expectativas são muito elevadas, porque todos nós, profissionais de saúde e cidadãos em geral, já nos apercebemos de que o SNS está em declínio, tendo atingido um ponto em que se o renova/reforma, com um orçamento ajustado ou teremos apenas um SNS escanzelado, com profissionais em exaustão crónica e frustrados, prestando cuidados apenas a cidadãos pobres e indigentes.